

I.

O APOIO MÚTUO ENTRE OS ANIMAIS

A luta pela existência. O apoio mútuo: lei da natureza e principal factor da evolução progressiva. Invertebrados. Formigas e abelhas. Aves: associações com fins de caça e pesca. Sociabilidade. Protecção mútua entre pequenas aves. Grous; papagaios.

A concepção da luta pela existência enquanto factor da evolução, introduzida na ciência por Darwin e Wallace, permitiu-nos incluir um leque extremamente amplo de fenómenos numa só concepção geral, que rapidamente se tornou a própria base das nossas especulações filosóficas, biológicas e sociológicas. Darwin incluiu nessa concepção geral única uma imensa variedade de factos — as adaptações funcionais e da estrutura dos seres orgânicos ao seu meio; a evolução fisiológica e anatómica; o progresso intelectual e o próprio desenvolvimento moral — que, até então, habitualmente explicávamos por múltiplas causas diferentes. Entendíamos-os como esforços continuados — como uma luta contra circunstâncias adversas — no sentido de um desenvolvimento dos indivíduos, das raças, das espécies e das sociedades, que culminaria no máximo possível de plenitude, variedade e intensidade da vida.

Talvez, de início, o próprio Darwin não estivesse inteiramente consciente do alcance geral do factor que começou por invocar como explicação de uma série de factos relativos à acumulação das variações individuais em espécies incipientes. Mas deu-se bem conta de que o termo que assim introduzia

na ciência perderia toda a sua significação filosófica e toda a sua significação verdadeira se fosse usado apenas no seu sentido restrito — de uma luta entre indivíduos isoladamente considerados e exclusivamente em vista dos meios de existência. Por isso, desde o primeiro momento da sua memorável obra, insistiu em que o termo em causa deveria ser tomado no seu «sentido lato e metafórico, que inclui a dependência de um ser perante outro e (o que é mais importante) não só a vida do indivíduo, mas o sucesso em deixar progénie»¹.

Embora tivesse usado o termo principalmente no seu sentido estreito em vista dos seus próprios propósitos particulares, recomendava aos seguidores que não cometessem o erro (que aparentemente ele mesmo no passado cometera) de sobrevalorizarem esse sentido limitado. Em *A Origem do Homem* consagrou várias páginas vigorosas a ilustrar por que razões o sentido amplo era o apropriado. Referiu de que modo, em inumeráveis sociedades animais, a luta entre os indivíduos isolados em torno dos meios de existência desaparece, de que modo a *luta* é substituída pela *cooperação*, e de que modo esta cooperação culmina no desenvolvimento de faculdades intelectuais e morais que asseguram à espécie as melhores condições de sobrevivência. Sustentou que, em tais casos, os mais aptos não são os fisicamente mais fortes nem os mais astuciosos, mas os que aprendem a associar-se e a apoiar-se, sejam fortes ou fracos, em benefício da comunidade. «Estas comunidades», escreveu Darwin, «que incluem um maior número de membros altamente solidários serão mais florescentes e procriarão um número de descendentes maior.» O termo, que teve a sua origem na limitada concepção malthusiana de competição de cada um contra todos e de todos contra cada um, perdeu assim a sua acepção restrita no pensamento de alguém que conhecia bem a natureza.

¹ *Origin of Species*, Capítulo III. [*A Origem das Espécies*, trad. Vítor Guerreiro, Lisboa, Verbo, 2011, p. 73.]

Infelizmente, estas advertências, que poderiam ter-se tornado base de investigações muito fecundas, acabaram eclipsadas pela quantidade dos factos registados com o propósito de ilustrar as consequências da existência real da competição pela vida. Além disso, Darwin nunca tentou submeter a uma investigação mais rigorosa a importância relativa dos dois aspectos sob os quais se apresenta a luta pela existência no mundo animal, nem escreveu nunca a obra que se propunha escrever sobre os controles naturais da multiplicação excessiva, quando essa obra teria, no entanto, constituído uma prova decisiva para a apreciação do sentido real da luta individual. Pior ainda, nas mesmas páginas que acabamos de mencionar, a par dos dados que se opõem à limitada concepção malthusiana da luta, ressurgiu a velha cepa malthusiana: ou seja, as advertências de Darwin a propósito dos supostos inconvenientes de continuarmos a manter os «fracos de mente e de corpo» nas nossas sociedades civilizadas (Capítulo V). Como se os milhares de poetas, cientistas, inventores e reformadores fisicamente fracos e enfermos, juntamente com outros tantos milhares de ditos «loucos» e «fracos de espírito exaltados», não tivessem sido as mais preciosas armas da humanidade na luta pela existência travada pelas suas forças intelectuais e morais, que o próprio Darwin realçou nos mesmos capítulos de *A Origem do Homem*.

Passou-se com a teoria de Darwin o que se passa sempre com as teorias que têm a ver com as relações humanas. Em vez de as ampliarem de acordo com as próprias indicações que contêm, os seus seguidores tornam-nas bem mais limitadas. E, enquanto Herbert Spencer, seguindo linhas de pensamento independentes mas muito próximas das de Darwin, tentava alargar a investigação, sobretudo no apêndice da terceira edição dos seus *Data of Ethics*, levantando a grande questão «o que são os mais aptos?», os incontáveis seguidores de Darwin reduziram a ideia de luta pela existência aos seus limites mais estreitos. Acabaram por conceber o mundo animal como um mundo de

luta perpétua entre indivíduos semimortos de fome, cada um deles sedento do sangue do próximo. Fizemos ressoar na literatura moderna o grito de guerra *ai dos vencidos!*, como se este fosse a última palavra da biologia actual.

Alcandoraram a luta «sem piedade» visando a vantagem do indivíduo à altura de um princípio biológico ao qual o homem deve também submeter-se, sob pena de sucumbir de outro modo num mundo baseado no extermínio mútuo. Deixando de lado os economistas, que das ciências naturais não conhecem senão meia dúzia de palavras tomadas de empréstimo a vulgarizadores de segunda mão, devemos reconhecer que até mesmo os expoentes mais autorizados das concepções de Darwin se esforçaram ao máximo por manter estas ideias falsas. Com efeito, se nos dirigirmos a Huxley, que é sem dúvida considerado um dos representantes mais destacados da teoria da evolução, veremos que é ele precisamente quem nos diz, num artigo sobre «A Luta pela Existência e a Sua Influência sobre o Homem» [*Struggle for Existence and its Bearing upon Man*], que,

na perspectiva do moralista, o mundo animal aproxima-se do nível de um espectáculo de gladiadores. As criaturas são bastante bem tratadas e postas a combater; depois, os mais fortes, os mais ágeis e os mais astuciosos saem com vida da arena para voltarem a combater no dia seguinte. Os espectadores não precisam de mostrar o polegar virado para baixo, porque o combate é sem quartel.

Ou, mais adiante no mesmo artigo, podemos ainda ler que, tanto entre os animais como entre os homens primitivos,

os mais fracos e os mais estúpidos pereciam, enquanto os mais coriáceos e mais ardilosos, os mais equipados para se haverem com as circunstâncias, mas não os melhores sob outros aspectos, sobreviviam. A vida era uma luta livre constante e, para lá das

relações familiares limitadas e temporárias, a guerra hobbesiana de todos contra todos era o estado normal da existência.²

Veremos a partir dos dados comprovados que apresentaremos ao leitor em que medida esta concepção da natureza é confirmada pelos factos no que se reporta ao mundo animal e ao homem primitivo. Mas devemos fazer notar desde já que a concepção da natureza de Huxley tem tão poucas razões para ser tomada por uma dedução científica como a concepção oposta de Rousseau, que não via na natureza mais do que amor, paz e harmonia, destruídos pela intervenção do homem. Na realidade, um passeio inicial pela floresta, uma observação inicial da sociedade animal, ou até mesmo a simples leitura cuidadosa de qualquer obra séria que se ocupe da vida animal (a de D'Orbigny, a de Audubon, a de Le Vaillant, pouco importa qual), não pode deixar de confirmar no pensamento naturalista a importância do papel desempenhado pela vida social na vida dos animais, impedindo que vejamos na natureza somente um campo de batalha sangrento, do mesmo modo que nos impede de nela vermos somente amor e paz. Rousseau cometeu o erro de excluir do seu pensamento a luta dos bicos e das garras, Huxley cometeu o erro oposto, mas não podemos aceitar nem o optimismo de Rousseau nem o pessimismo de Huxley como interpretações imparciais da natureza.

Assim que começamos a estudar os animais — não nos laboratórios e museus, mas na floresta e na pradaria, na estepe e na montanha —, damo-nos conta de que, embora esteja em acção uma quantidade imensa de guerra e de extermínio entre as várias espécies, e em especial entre várias classes de animais, intervém, ao mesmo tempo, a mesma medida, ou talvez uma medida ainda maior, de apoio mútuo, auxílio mútuo e defesa mútua entre os animais pertencentes à mesma espécie

² *Nineteenth Century*, Fevereiro de 1888, p. 165.

ou, pelo menos, à mesma sociedade. A sociabilidade é tanto uma lei da natureza como a competição mútua. Sem dúvida, seria extremamente difícil calcular, ainda que muito grosseiramente, a importância numérica relativa das acções de uma e da outra série. Mas se recorrermos a uma prova indirecta e perguntarmos à natureza: «Quais são os mais aptos? Os que estão constantemente em guerra com os outros ou aqueles que se apoiam mutuamente?», descobriremos de imediato que os animais que adquirem hábitos de ajuda mútua são indubitavelmente os mais aptos. Têm mais probabilidades de sobreviver e alcançam, nas respectivas classes, o grau mais elevado de inteligência e organização física. Tendo em conta os inumeráveis factos que podemos citar para sustentar esta concepção, é seguro dizer que o apoio mútuo é na mesma medida que a competição mútua uma lei da vida animal, mas que, como factor de evolução, tem provavelmente uma importância muito maior, uma vez que favorece o desenvolvimento de hábitos e caracteres como os que referimos, em vista de garantir a conservação e o posterior desenvolvimento da espécie, juntamente com a máxima medida possível de bem-estar e fruição da vida com o menor dispêndio possível de energia.

Entre os seguidores científicos de Darwin, o primeiro, tanto quanto sei, a entender toda a significação do apoio mútuo como *uma lei da natureza e o factor principal da evolução* foi um bem conhecido zoólogo russo, o malogrado professor Kessler, que foi reitor da Universidade de Sampetersburgo. Kessler expôs as suas ideias numa comunicação, datada de Janeiro de 1880, que apresentou, poucos meses antes da sua morte, num congresso de naturalistas russos. Mas, como acontece com tantas coisas boas publicadas somente em russo, essa notável comunicação continua a ser quase por completo desconhecida.³

³ Deixando de parte autores anteriores a Darwin, como Toussenel, Fée e muitos outros, várias obras citando casos impressionantes de apoio mútuo — que, no entanto, são sobretudo, ilustrações da inteligência